

# O Milênio (Ap. 20)

Rev. Kenneth L. Gentry, Jr.

Quanto mais próximo João chega à sua conclusão, mais aparece o glorioso resultado. Em Apocalipse 20, ele olha o futuro distante (o milênio começa no século I, mas o período necessariamente requer sua extensão além do espaço de tempo do próximo/breve tempo da estrutura do livro). Na realidade, ele fornece a consequência do longo-duradouro, da destruição de Israel e da proteção do reino de Cristo. Mais uma vez, a limitação de espaço não permite uma análise completa desse texto interessante, assim destaquei somente algumas das características mais importantes para o ponto de vista preterista que está sujeito a debate: os “mil anos”, a prisão de Satanás, o reinado de Cristo, e as ressurreições.<sup>1</sup>

## Os mil anos

Somente um lugar em toda a Escritura limita o reinado de Cristo a mil anos: Apocalipse 20.1-10, meio capítulo no livro mais figurativo na Bíblia. Como indiquei anteriormente em minha abordagem dos 144.000, o número 1.000 seguramente é uma soma simbólica que representa perfeição quantitativa. As Escrituras, com frequência, empregam esse número de um modo não-literal: Por exemplo, Deus possui o gado apenas aos milhares nas colinas? (Sl. 50.10). O período do milênio poderia ser de fato milhares de anos, como a autoridade em hermenêutica Milton Terry discute com competência.<sup>2</sup>

## A prisão de Satanás

Agora João aborda e inverte um tema anterior. Em 9.1, Satanás *caiu* do céu (gr. *ouranos*) e *foi dada a chave do poço do abismo*. Em 20.1, Cristo *desce* do céu (gr. *ouranos*) e *trazia na mão a chave do abismo* para prender Satanás e lançá-lo no *abismo*.

As Escrituras informam explicitamente que Cristo prendeu Satanás durante seu ministério no século I. Em resposta às acusações que ele estava exorcizando demônios pelo poder de Satanás, o Senhor respondeu: “Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o

---

<sup>1</sup> Para mais informações v. meu capítulo, “Pós-milenarismo”, em Darell L. Bock, org., *O milênio: 3 pontos de vista* (São Paulo: Editora Vida).

<sup>2</sup> *Biblical Apocalypstics*, p. 451.

Reino de Deus. Ou, como alguém pode entrar na casa do homem forte e levar dali seus bens, sem antes amarrá-lo? Só então poderá roubar a casa dele” (Mt. 12.28,29; NVI). A ascensão de Cristo ao Reino de Deus implicou exercer seu poder sobre o reino de Satanás (v. 26): Ele arrebatou os homens e as mulheres do controle de Satanás. Visto que ainda estamos no milênio, Cristo atualmente continua despojando a casa de Satanás, pregando o Evangelho que salva as pessoas da escuridão e as transporta para seu Reino (Cl. 1.13; v. At. 26.17,18).

Cristo prendeu Satanás para um propósito bem definido: “para assim impedi-lo de *enganar as nações*” (Ap. 20.3; grifo do autor). No AT somente Israel conheceu o verdadeiro Deus (Sl. 147.19,20; Am. 3.2; Lc. 4.6; At. 14.16; 17.30). Mas a encarnação de Cristo mudou isso, conforme o Evangelho começou a fluir a todas as nações (e.g., Is. 2.2,3; 11.10; Mt. 28.19; Lc. 2.32; 24.47; At. 1.8; 13.47). Na realidade, Cristo julgou os judeus e abriu seu reino aos gentios (Mt. 8.11,12; 21.43; 23.36-38). (Observe, porém, que o NT promete em outras passagens a entrada final dos judeus no reino de Deus, encorajando-nos assim a evangelizá-los; v. At. 1.6,7; Rm. 11.11-25; 15.12).

Logo, como Cristo prendeu Satanás, o resultado é que seu poder enganoso sobre as nações está enfraquecendo, e o Evangelho avança em todo o mundo. Na realidade, a Grande Comissão necessita esse estado novo de acontecimentos. Apesar da autoridade de Satanás antes da vinda de Cristo (Lc. 4.6; Jo. 12.31; 14.30; 16.11; Ef. 2.1,2), Cristo agora declara: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações” (Mt. 28.18,19). Cristo comissionou a Paulo essa mesma tarefa: “Eu o livrarei do seu próprio povo e dos gentios, aos quais eu o envio para abrir-lhes os olhos e convertê-los das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus, a fim de que recebam o perdão dos pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim” (At. 26.17,18).

Por conseguinte, o NT, com frequência e de forma veemente, fala da morte de Satanás sobre esse aspecto (v. Mt. 12.28,29; Lc. 10.18; Jo. 12.31; 16.11; 17.15; At. 26.18; Rm. 16.20; Cl. 2.15; Hb. 2.14; 1Jo. 3.8; 4.3,4; 5.18). As próprias palavras de Jesus se harmonizam bem com Apocalipse 20: “Chegou a hora de ser julgado este mundo; agora será expulso [gr. *ekballo*] o príncipe deste mundo” (Jo. 12.31). Apocalipse 20.3 diz que Cristo “lançou” [gr. *ballo*] Satanás no abismo. Outros escritores do NT concordam. Paulo escreve: “... e, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz” (Cl. 2.15). O autor de Hebreus observou: “Portanto, visto que os filhos são pessoas de carne e sangue, ele também participou dessa condição humana, para que, por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo” (Hb. 2.14). E João expressou isto desse modo: “Para isso o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo” (1Jo. 3.8).

A prisão de Satanás, então, começou no século I. Cristo iniciou-a durante seu ministério (Mt. 12.24-29) e a assegurou legitimamente com sua morte e ressurreição (Lc. 10.17; Jo. 12.31,32; Cl. 2.15; Hb. 2.14,15), e “provou” isto dramaticamente no colapso do primeiro inimigo do cristianismo, o judaísmo (Mt. 23.36–24.3; 1Ts. 2.14-16; Ap. 3.9). O legado de Jerusalém é significativo, visto que a resistência satânica ao reino de Cristo vem primeiramente com a perseguição dos judeus a Cristo e ao cristianismo.

## A lei de Cristo

Os comentários anteriores já indicaram o entendimento preterista da lei de Cristo. O “domínio e reinado” do Apocalipse com Cristo demanda duas realidades espirituais importantes, e presentes. 1) Cristo estabeleceu seu reino no século I.<sup>3</sup> Mateus 12.28,29 compara o pensamento de Apocalipse 20.1-6 claramente, porque nos dois lugares vemos a relação do reino de Cristo e a prisão de Satanás (v. acima). Realmente, o reino esteve próximo no primeiro ministério de Cristo porque “o tempo é chegado” (Mc. 1.14,15). O poder de Cristo sobre os demônios mostra a presença do reino durante seu ministério na terra (Mt. 12.28; v. 8.29; Mc. 1.24; 5.10; Lc. 8.31). Seu reino não espera alguma vinda futura, visível (Lc. 17.20,21; Cl. 1.13).

Por conseguinte, Cristo reivindicou ser Rei quando estava na terra (Jo. 12.12-15; 18.36,37), e Deus o entronizou como Rei após sua ressurreição e ascensão (At. 2.20-36). Desde sua ressurreição, Cristo tem “toda a autoridade nos céus e na terra” (Mt. 28.18), porque ele está à destra de Deus, dominando o seu reino.<sup>4</sup> Como resultado, os cristãos do século I o proclamaram Rei (Mt. 2.2; At. 17.7; Ap. 1.5), e novos convertidos entraram em seu reino (Jo. 3.3; Cl. 1.12,13; 1Ts. 2.12).

2) A outra realidade envolve nosso governo presente com ele, em seu reino. João diz às sete igrejas do século I que Cristo “nos constituiu reino e sacerdotes para servir a seu Deus e Pai” (Ap. 1.6). Esta realeza sacerdotal presente é exatamente o que Apocalipse 20 relata do reino milenar: “Serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele durante mil anos” (20.6).

Paulo menciona nosso governo presente também: “Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (Ef. 2.6; v. 13; Cl. 3.1-4). Quaisquer respostas surpreendentes que possam surgir contra esse ponto de vista, um fato permanece: a Bíblia nos ensina que estamos agora “assentados com ele”.

<sup>3</sup> V. meu ensaio “Postmillennialism”, em *Three views of the end of history*.

<sup>4</sup> Mc. 16.19; Lc. 22.69; At. 2.33; 5.31; 7.55,56; Rm. 8.34; 14.11; Ef. 1.20-23; Cl. 1.18; 3.1; Hb. 1.3,13; 8.1; 10.12; 12.2; 1 Pedro 3.22; Ap. 17.14; 19.16.

## As ressurreições

Apocalipse 20 associa duas ressurreições ao reino milenar de Cristo. Uma ressurreição é espiritual e presente; a outra é física e futura.

Apocalipse 20.4-6 menciona dois grupos que governam com Cristo e que são “felizes e santos” e que participam “da primeira ressurreição” (v. 6).<sup>5</sup> João vê primeiro “as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus”. Essas “almas” são os santos que morreram a serviço de Cristo. Ele também vê aqueles que “não tinham adorado a besta nem sua imagem, e não tinham recebido a sua marca na testa nem nas mãos”. Esses são os santos vivos que atualmente vivem para Cristo na terra.

Essa primeira ressurreição é a salvação. Observe como João, o autor do Apocalipse, registrou anteriormente a instrução de Cristo, na qual ele compara a ressurreição espiritual à salvação presente e a ressurreição física ao destino eterno:

Eu lhes asseguro: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, *mas já passou da morte para a vida*. Eu lhes afirmo que *está chegando a hora, e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e aqueles que a ouvirem, viverão [...]*

Não fiquem admirados com isto, pois *está chegando a hora em que todos os que estiverem nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão*, os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados (Jo. 5.24-29; grifo do autor).

Na realidade, por causa da ressurreição física de Cristo, somos ressuscitados espiritualmente (Rm. 6.4-14; Ef. 2.5,6; Cl. 3.1).

João não menciona a segunda ressurreição expressamente em Apocalipse 20. Deduzimos isso de três fatores no texto: 1) referência à “primeira ressurreição” (uma linguagem que requer uma “segunda” ressurreição); 2) o “restante dos mortos [não voltam] à vida” até após os mil anos; e 3) a cena do julgamento nos versículos 12 e 13. A segunda ressurreição é mencionada em João 5.28,29: É a ressurreição do “túmulo” (v. Jó 19.25-27; Jo. 6.38-50,54; 11.24-25; At. 24.15; Rm. 8.11; 1Ts. 4.14-17). Em Apocalipse 20.7-15, testemunhamos a Segunda Vinda e o julgamento final. Mas desde que isto é tão distante dos dias de João, ele os menciona rapidamente.

<sup>5</sup> Neste assunto usarei a tradução NASB, que é mais precisa.

A mistura feita por João das realidades espirituais e literais aqui, quando compara a ressurreição espiritual e a ressurreição física não é sem precedentes. Por exemplo, como observei anteriormente, João registra as palavras de Cristo com respeito a comer o pão (Jo. 6.49,50), onde ele compara o alimento *espiritual* do corpo de Cristo com o comer *literal* do maná no deserto – em seguida compara a morte espiritual e a morte física: “Os seus antepassados comeram o maná no deserto, mas morreram. Todavia, aqui está o pão que desce do céu, para que não morra quem dele comer”. As mesmas palavras “comer” e “morrer” ocorrem em ambas declarações, mas abrangem conotações diferentes. O mesmo é verdade de “voltou a viver” em Apocalipse 20.4,5.

**Fonte:** *Apocalipse*, C. Marvin Pate (organizador), Editora Vida, p. 85-90.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Compre esse excelente livro aqui:  
<http://www.edificai.com.br/detalhe.asp?Codigo=483&from=Monergismo>.